

A COMPREENSÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO SAGRADO EM RUDOLF OTTO NA HINOLOGIA DO “HINOS DO POVO DE DEUS”

Marcos Jair Ebeling *

Resumo

O texto faz uma leitura do livro “O Sagrado” de Rudolf Otto e identifica as características irracionais do numinoso em hinos que sugerem contemplação e reverência no hinário “Hinos do Povo de Deus”, volume 1. Quer contribuir na percepção de como o povo reunido vivencia o numinoso pela música e canto, em época marcada pelo absoluto racional.

Palavras chave: sagrado, hinologia, numinoso.

Summary

The text interprets the book “The Sacred” by Rudolf Otto and identifies the irrational characteristics of the numinous in hymns that suggest contemplation and reverence in the hymnbook “Hymns of God’s People” (Hinos do Povo de Deus), volume 1. Its aim is to contribute to the perception of how the reunited people experience the numinous through music and singing, at a time which was marked by the absolute rational.

Key words: sacred, hymnology, numinous.

Introdução

O sentimento religioso e a busca pelo transcendente são característica de todos os povos e culturas em todos os tempos. Por diferentes formas, ritos e mitos buscam vivenciar o sagrado, que R. Otto chama de “numinoso”. Este não pode ser ensinado, mas estimulado. Uma importante forma de estimulá-lo é a música.

Este sentimento religioso é ofuscado, quando não negado, pelo racionalismo. É tarefa das Ciências da Religião esclarecer e descortinar, ante o racionalismo, o numinoso que existe *a priori*. A música (instrumental ou cantada) tem

* Marcos Jair Ebeling. Pastor da IECLB em Campinas, SP e mestrando em Ciências da Religião na UMESP/SP.
Email: marcos.ebeling@luteranos.com.br

um papel importante. Tesche¹ assinala que a liturgia e a música contribuem para que a comunidade se redescubra como parte do povo sacerdotal, profético e real da nova aliança em substituição a um protestantismo cerebral, burguês e individualista.

Este é o objeto desta pesquisa: fazer a correspondência entre as características do numinoso, como descritas por Rudolf Otto, em *O Sagrado*, com hinos que sugerem reverência e contemplação do hinário “Hinos do Povo de Deus”, volume 1 (HPD1)². Como os hinos do HPD1 permitem perceber o numinoso, o estimulam e promovem a vivência do Sagrado na comunidade que se reúne em culto?

Ao tratar do assunto temos ciência de limitações: a) que Rudolf Otto não restringiu a compreensão do numinoso à música e hinologia como o fazemos; b) alguns hinos do HPD1 são traduções da versão alemã do hinário e nem sempre conseguem expressar o que foi dito originalmente. Todavia, o HPD1 é estimado pelas comunidades e estimula sua espiritualidade; c) nem todas as características do numinoso terão sua perfeita representação em hinos. Então o faremos a indicação por aproximação.

Considerações de Lutero acerca da missa da época

Martim Lutero, no bojo do movimento da reforma do século XVI, promoveu também mudanças na missa da época. A primeira mudança diz respeito ao seu cerne: ao analisar a missa à luz da palavra neotestamentária conclui que ela precisa se definir a partir da primeira missa de Cristo. Em 1520 escreve: “Quanto mais próximas, pois, nossas missas estiverem da primeira missa de Cristo, tanto melhores sem dúvida serão, e quanto mais distantes dela, tanto mais perigosas.”³ A primeira missa são as palavras de instituição da Ceia do Senhor. Lutero considera a missa da época perigosa por trazer muita palavra humana em meio à Palavra de Deus. Esta compreensão define o conceito de culto para Lutero: “o culto é, para ele, primordialmente a reunião da comunidade na qual Deus serve as pessoas que se

¹ TESCHE, Silvio. Postfácio. In: Conselho de Liturgia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Celebrações do Povo de Deus. Prontuário Litúrgico da IECLB*. Ed. Provisória, São Leopoldo : nodal, 1991. p. 147

² Hinos do Povo de Deus. Hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 8. ed. São Leopoldo : Rotermund/Sinodal, 1989.

³ LUTERO, Martinho. Um sermão a respeito do Novo Testamento, Isto É, a respeito da Santa Missa. In: *Obras Selecionadas*, Vol 2. São Leopoldo : Sinodal, Porto Alegre : Concórdia, 1989, p. 256

reúnem.”⁴ Para Lutero o culto é o espaço onde a Palavra de Deus e suas promessas são dadas a conhecer. Logo, lugar de experiência com Deus em essência.

A segunda consideração encontramos no Catecismo Maior. Ao falar do Sacramento da Ceia do Senhor Lutero assinala a importância de um gesto racional: guardar bem as palavras de instituição da Ceia do Senhor. Recomenda sejam conhecidas de cor e cantadas através de salmos e hinos compostos para tal fim. Seu objetivo é inserir a juventude na Escritura cada dia mais e “para que lhes penetre bem no ânimo e se fixe na memória”, “a fim de não se pregar a matéria sem proveito e fruto”.⁵ Chama atenção a expressão “penetre bem no ânimo”, ou seja, que chegue à essência do ser da pessoa. Temos a clara impressão de que refere-se ao que R. Otto chama de “Fundo d’alma”. Observe-se que a música contribui neste processo.

A terceira consideração diz respeito à música:

A partir da Reforma Luterana do século XVI, a música ganhou um novo sentido na igreja. A comunidade passou de ouvinte de cantos gregorianos a protagonista, entoando ela mesma os hinos nos cultos. Isso significou uma verdadeira libertação para as incipientes comunidades luteranas.⁶

A comunidade protagonista vivencia Deus pelo canto.

Martim Lutero justifica as mudanças na missa como necessárias e para devolver à missa a “devoção e a seriedade” tiradas dela pela ênfase econômica. E considera as mudanças feitas ainda tímidas:

Não houve, outrossim, modificação notável nas cerimônias públicas da missa, à exceção do fato de em alguns lugares se cantarem hinos alemães além dos hinos latinos, para instruir e exercitar o povo, já que a finalidade principal de todas as cerimônias é que o povo delas aprenda o que lhe é necessário saber de Cristo.⁷

⁴ JUNGHANUS, Helmar. *Temas da Teologia de Lutero*. 2. Ed. São Leopoldo : Sinodal /EST, 2007. p. 30

⁵ LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. In: *Livro de Concórdia*. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. 4. ed. São Leopoldo : Sinodal, Porto Alegre : Concórdia, 1993. p. 394.

⁶ SOUZA, Mauro Batista de. Prédica e Música. In: EWALD, Werner (org). *Música e Igreja: Reflexões Contemporâneas para uma Prática Milenar*. São Leopoldo : Sinodal/Conselho Nacional de Música da IECLB ; Porto Alegre : Coordenadoria de Música da IECLB, 2010. p. 45, apud KÄFER, 2009, p. 22.

⁷ Confissão de Augsburg. In: *Livro de Concórdia*. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. 4. ed. São Leopoldo : Sinodal, Porto Alegre : Concórdia, 1993. p. 44 e 45.

Martim Lutero percebe o culto como espaço para conhecer a Cristo em duplo sentido: pela forma racional (ouvindo o texto bíblico) e pela forma do Sagrado, o caminho do devocional, “que penetra no ânimo”, que ultrapassa o racional. “[...]através da música, conseguimos expressar aquilo que palavras sozinhas não conseguem.”⁸ A liturgia e a música tem, pois, a tarefa de fazer perceber Deus, de possibilitar experiência com o sagrado.

O numinoso e a forma de transmissão em Rudolf Otto⁹: sua correspondência no HPD1

Rudolf Otto defende a tese de que o sagrado se manifesta pela via racional e irracional e que o racional somente não pode descrever nem apreender o senso e sentido do Sagrado que é termo essencialmente religioso. Também não pode negar a existência do numinoso, pois este existe *a priori*.

O termo sagrado vem sendo usado na sua forma derivada como o perfeitamente bom, um atributo moral. Kant, por exemplo, fala da “vontade santa”, a vontade impelida pelo dever e que obedece à lei moral. Mas, diz Otto, isto é a lei moral perfeita. Referir-se ao sagrado/heilig é um “algo mais” do que este teor moral. Para expressar este “algo mais” do sentimento religioso (sem incluir o aspecto moral e racional, ultrapassando-os) o autor cunha o termo “o numinoso” (p. 37-39). “O numinoso” – este sentimento religioso originário não definível pela razão e letra – é “inefável” e faz com que a religião comece em si mesma. A experiência religiosa não pode ser definida objetivamente, “somente pode ser indicada indiretamente pela evocação íntima e apontando para o peculiar tipo e conteúdo da reação-sentimento, desencadeada na psique por uma experiência pela qual a própria pessoa precisa passar” (p. 42).¹⁰

⁸ SOUZA, 2010, p. 46.

⁹ OTTO, Rudolf. *O sagrado*. os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo : Sinodal/EST; Petrópolis : Vozes, 2007. Como esta é a obra referência, identificamos seu conteúdo pela página correspondente entre parênteses no próprio texto.

¹⁰ O conceito “experiência religiosa” é ambíguo e discutido. FILORAMO e PRANDI (1999, p. 5ss) apresentam de forma bem sintetizada esta discussão entre os modelos da explicação e da compreensão (erklären / verstehen). Otto se insere no modelo compreensivo por valorizar a experiência vivenciada também subjetivamente – ela vai além de dados objetivos (erlebnis). Acrescente-se que o crente, na compreensão de Otto, não faz a experiência com o numinoso (ele não é o agente), mas é acometido, arrebatado, impactado por ela. Não a produz, nem controla e nem a domina. Mas a comunidade se reúne em culto. Para descrever esta ação de busca pelo numinoso escolhemos o termo “vivenciar”.

Este sentimento religioso originário não pode ser transmitido de uma psique para outra, somente despertado a partir do “espírito”.

A pior forma de fazê-lo é por meio de meras palavras; ao invés, [...] pela empatia e sintonia com aquilo que se passa na psique da outra pessoa. Na postura solene, no gesto, no tom de voz e na expressão fisionômica, na manifestação da singular importância do assunto, na solene concentração e devoção da comunidade em oração, [...].¹¹

Ou seja, situações “sagradas” são excelentes formas de transmissão direta do sentimento numinoso por possibilitar a experiência: ouvir o toque das cordas de um instrumento musical é totalmente diferente de ouvir falar a respeito.¹² Todas as outras formas são formas indiretas de evocar e apresentar o sentimento numinoso: o temível, o horrível, o excelso, o incompreendido, o misterioso, a arte, pinturas, silêncio, escuridão, o vazio, a música, ... (p. 100 – 110).

Destacam-se, neste trecho inicial, dois aspectos que queremos aclarar com hinos do HPD1: a) “o numinoso”, b) a transmissão que se dá pela vivência religiosa.¹³

a) M. Krüger e G. Fritzsche¹⁴, no hino natalino 21.6, cantam: *“Ó vinde, corramos, alegres vejamos o que Deus nos quer revelar em Belém! Na gruta ajoelhemos, o Cristo adoremos! Deus seja louvado – amém!”* O gesto de Deus em Jesus Cristo ao nascer em Belém é incompreensível em plenitude. Diante do que não pode ser compreendido nem explicado, ajoelhemos e adoremos. Também J. B. König e K. F. Nachtenhöfer, no hino 28.1 expressam: *“Eis, nesta noite me aparece o amor divino, a salvação. De Deus o Filho à terra desce, traz luz à minha escuridão. E brilha-nos este arrebol mil vezes mais que o próprio sol.”* A ação de Deus, descritível somente por ideogramas, ganha uma dimensão inefável: brilha mil vezes mais que o próprio sol;

b) F. Graf e L. Weingärtner expressam no hino 195.1 e 7: *“Meu irmão, tu precisas falar com Jesus nesta tua solidão. Ele faz o convite, ele espera por ti, não o buscarás em vão.”* e *“Meu irmão, tu precisas falar com Jesus, tu precisas de comunhão. Convivendo com Cristo e o povo seu, vencerás a solidão.”* Reconhecem

¹¹ OTTO, 2007, p. 100.

¹² OTTO, 2007, p. 101, apud DENIFLE (ed). Seuse's Deutsche Werke. p. 309.

¹³ Por certo a tarefa é inglória: expressar em palavras racionais o inefável. Porém, percebê-lo nos hinos do HPD1 já nos satisfaz.

¹⁴ A opção é assinalar, conjuntamente, o autor e o arranjador do hino por considerarmos que formam um conjunto a letra e a música. Também indicamos somente o número do hino e a estrofe correspondente. Assim, “21.6” significa “hino número 21, estrofe 6”.

momentos de solidão na vida da pessoa e expressam a confiança de que esta solidão experimentada é superada no encontro com Cristo que se faz perceber na comunhão de irmãos, seu povo. Ou seja, a comunhão proporciona uma vivência que, além de superar a solidão, estimula experiência com o Cristo. Por esta experiência o numinoso é despertado, “apreendido”, “compreendido” e transmitido.

Esta experiência religiosa ultrapassa o racional (aquilo que pode ser definido e formulado com clareza por conceitos familiares e definíveis) e aponta para o irracional (um evento singular que, por sua profundidade, foge à interpretação inteligente, foge ao conhecimento, mas não ao sentimento)¹⁵. Otto é crítico das ideias iluministas que predominam na teologia e ciência da religião da sua época. Considera que há um acento demasiado nas características racionais de Deus. Em contrapartida afirma que o sagrado não se deixa apreender pelo conceito. Conceituá-lo já é um reducionismo. Ou ainda, nas palavras de Tersteegen: “um deus compreendido não é Deus.” (p. 56).

Porém, a ideia teísta de Deus precisa definir com clareza a divindade. E o faz por atributos como espírito, razão, intenção, boa vontade, amor, entre outros. Todos eles absolutos e perfeitos por se referirem ao divino. Assim dá um rosto racional a Deus. O define. A fé se constitui e convence por meio destes conceitos em detrimento do sentir. Embora importantes, estes conceitos não esgotam o sagrado (p. 33-35).

Nesta necessidade teísta de definir Deus, A. Rische canta Deus como o “amor” no hino 209.1 (conforme João 3.16; 1 João 4.8): *“Deus sempre me ama, co’ amor me chama, e assim me inflama do mesmo amor. Por isso cantarei o amor divino; será meu hino o amor do rei.”* Na versão alemã isto fica ainda mais claro (hino 469): *“Gott ist die Liebe”* (Deus é o amor). Ou conforme o hino 76.1 e 2, de J. Crüger e P. Spitta, quando definem o Espírito de Deus com atributos como *“Espírito verdade”* e *“consolador querido”*.

O aspecto irracional do sagrado J. Crüger e P. Spitta cantam no hino 76.1 e 5: *“... Derrama em nossa mente do santo fogo o ardor, ...”* e *“... embora a luz tenhamos, nós não queremos crer. ...”*. O hino merece observações no sentido de que faz menção a esta experiência com o Sagrado na forma do “santo fogo o ardor” e do “embora a luz tenhamos” (ainda que o conceito seja racional, induz ao

¹⁵ OTTO, 2007, p. 97-99 o chama de “totalmente outro” que não pode ser definido, mas insinuado por ideogramas.

subjetivo). Nem o ardor do fogo, nem a luz podem ser apreendidos ou ainda definidos. Mas os temos diante de nós e os “apreendemos” – pela experiência.

O hino em questão apresenta, como pano de fundo, uma crítica ao cristão: temos a luz, como e por que não crer em Cristo? O que apresenta em crítica é, em verdade, a expressão da impossibilidade à luz do sentido numinoso. Esta conclusão é facilitada quando acolhemos o texto bíblico de João 14.16-20, referência para o autor do hino: “o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; ...”.

O hino 76 expressa bem a fala de Otto: definições teístas racionais são importantes para as pessoas – e o hino as dá; mas não suficientes para descrever o sagrado – e ele manifesta esta limitação.

Para Otto a experiência religiosa tem um papel fundamental no sentido de despertar e apreender o sentimento do numinoso. Mas não é o início da religião. “O numinoso” é *a priori*:

O sagrado, no sentido pleno da palavra, é para nós, portanto, uma categoria composta. Ela apresenta componentes racionais e irracionais. Contra todo o sensualismo e contra todo o evolucionismo, porém, é preciso afirmar com todo o rigor que em *ambos* os aspectos se trata de uma categoria *estritamente a priori*.¹⁶

Ou seja: o numinoso existe mesmo antes da experiência acontecer. Ele eclode do “fundo d’alma”, da mais profunda base da psique. A psique, para Otto, é dotada de uma “fonte oculta e autônoma da formação de noções e sensações, fonte esta que é independente da experiência sensorial”. (p. 151). Esta fonte oculta é definida como “potencial” oculto do espírito humano que é despertado por estímulos. A música é uma importante ferramenta de ativação deste potencial.

M. Luther define-o no hino 97.2: “*A minha força nada faz, sozinho estou perdido. Um homem a vitória traz, por Deus foi escolhido*”. Enfatiza a incapacidade do ser humano em despertar por si próprio o sentimento numinoso que é despertado por um “extra nos”, o Cristo que veio. Embora, verdade seja dita, a estrofe faça lembrar a questão do livre arbítrio. Interessa-nos, todavia, a opção primeira.

Também J. von Hausmann (e F. Silcher), após a morte de seu noivo, tem esse sentimento numinoso ativado e que se expressa na forma da dor e confiança no hino 174.1, 2 e 3: “*Por tua mão me guia, meu salvador. Agora e eternamente, por teu amor. Não quero andar no escuro sem tua luz: eu quero andar contigo, Senhor*

¹⁶ OTTO, 2007, p. 150.

Jesus.”; *“Em tua paz abriga meu coração; conforta-o na tristeza, na solidão! Entrego a minha vida a ti, Senhor. Tu és minha esperança, meu Redentor!”* e *“Se bem que eu nada sinta do teu poder – que a luz da tua face não possa ver: eu sei que tu me guias, meu Bom Pastor, ao teu eterno Reino de graça e amor.”*¹⁷

Características do numinoso: fascinante e assombroso ao mesmo tempo

O numinoso tem para Otto diferentes características e formas de manifestação que variam de assombroso a fascinante, podendo gerar o sentimento do afastar-se ou encantar-se.

a) a característica do “sentimento de criatura”: Otto destaca que a pessoa faz na vida muitas experiências e ações que despertam um sentimento bom (qualificação moral). Mas a experiência com o numinoso é mais profunda e evoca o “sentimento de criatura”: um estado psíquico de solene devoção e arrebatamento que aponta a nulidade da criatura diante do que está acima dela. É um sentimento “subjetivo de ‘dependência absoluta’ que pressupõe uma sensação de ‘superioridade (e inacessibilidade) absoluta’ do numinoso.” (p. 43). Um sentimento de dependência do absoluto e qualitativamente diferente.

O hino 125.3, de J. B. Dykes e R. Heber canta: *“Santo, santo, santo! Nós os pecadores, não podemos ver tua glória sem tremor. Tu somente és santo; só tu és perfeito, Deus soberano, imenso em teu amor!”* A estrofe expressa muito bem duas características:

a1) *“nós os pecadores, não podemos ver tua glória sem tremor.”* A ênfase recai sobre a expressão “nós os pecadores” como expressão que aponta para nossa condição de criatura diante do que é Santo. Ou seja: diante do numinoso, do Sagrado, do “Heilig”, do Totalmente Outro descortina-se a criatura limitada e pecadora (também Gênesis 18.27; Ezequiel 1.26-28; Isaías 6.5). A estrofe 2 corrobora o sentimento de criatura: *“diante da Tua Glória, os remidos ao teu redor atiram as coroas (ao chão). Todos os anjos reunidos se curvam diante de ti.”*¹⁸

¹⁷ BECKER, Alberto. Em tua paz abriga meu coração. In: TOILLIER, Osvino (org). *Um Olhar para o Vale: 100 mensagens de fé, esperança e amor*. Vol 2, 4ª ed, São Leopoldo : Sinodal, 2001, p. 57 afirma que o noivo de Julie era missionário em terra distante. Ela foi juntar-se a ele, com casamento marcado. Mas, dias antes de se encontrarem, este veio a falecer. Em meio à experiência de dor compôs a canção.

¹⁸ Tradução livre de parte da estrofe 2 do hino 433 do hinário alemão.

a2) *“Nós os pecadores, não podemos ver tua glória sem tremor.”* A ênfase agora recai sobre a expressão “tremor”: não no sentido de ter medo, mas no sentido de “profunda veneração”. A reação da frágil criatura (pecadora) diante do Santo é de profunda veneração. O Santo desperta na criatura tremor, veneração.

b) a característica do “Mysterium Tremendum”: a experiência religiosa desperta na pessoa sentimentos fortes de espiritualidade que excedem a percepção da fé na salvação, na confiança ou no amor. Como descrevê-los? Não é possível, pois são “mysterium”: são sensações e sentimentos ocultos, não-evidentes, não-apreendidos, não-entendidos, não-cotidianos nem familiares (p. 44-45). Pode somente ser qualificado como “tremendum” (arrepiente): termo latino que significa “temer” (santificar algo no coração). Assinale-se a diferença entre o ter medo (no sentido popular) e o “temor” como categoria valorizada pelo numinoso. (p. 45) Segundo Otto, a religião nasce deste temor, essa primeira excitação e pressentimento do inquietantemente misterioso (p. 47).

Lembramos aqui o aspecto do “tremor” do hino 125, anteriormente citado: um tremor reverente da criatura diante do Santo, o Totalmente Outro. A glória do Santo provoca este tremor. É a reverência diante do inquietantemente misterioso.

Esta característica “tremendum” do numinoso pode despertar na pessoa sentimentos negativos (ira, receio, furor, zelo). Não são conceitos racionais, mas ideogramas de um aspecto peculiar do sentimento na experiência religiosa com caráter distanciador e que perturbam aqueles que só querem reconhecer no divino a bondade e o amor. (p. 50-51). Embora distanciador, a manifestação do numinoso “tremendum” é qualitativamente melhor na psique, gera prazer, alegria e pode provocar reação física: “me arrepiei todo; fulano gelou” (p. 48).

Encontramos somente uma noção desta característica do “tremendum” no hino 208.6, de J. Crüger e J. Franck: *“Sombras, retirai-vos! Trevas, afastai-vos! Eis que nasce o sol. Aos que a Deus se entregam e a si mesmos negam, raia o arrebol. Mesmo em aflição e dor, tu, Jesus, serás meu guia: A minha alegria.”* Em verdade o hino enfatiza mais a expressão de confiança na dificuldade do que propriamente o “tremendum” do numinoso. Trata-se de uma característica da teologia luterana que aparece também nos hinos: enfatizar a graça de Deus e seu aspecto redentor diante da dúvida, medo ou incerteza. Vem associada ao conceito de Deus como amor e redentor. Este pensamento é comprovado pelo hino 223.4, de L. Helmbold: *“Tudo o que Deus me envia somente é para o bem: prazeres, alegria e provações também.*

Tão grande é seu amor que Deus, comiserado, à terra tem mandado, seu Filho, o Redentor.”

O “mysterium” pode se mostrar também pelo aspecto avassalador (majestas): refere-se ao “poder”, “domínio”, “hegemonia”, “supremacia absoluta” do numinoso (p. 51). Diante dele é revelada nossa pequenez e fragilidade. O “Majestas” leva à aniquilação do si-mesmo e ao reconhecimento da superioridade do transcendente (p. 52). É a plenitude do “poder” do tremendum que se transforma em plenitude do “ser”.

O hino 95.1, de G. Schneider e R. Lörcher, escrito no período da 2ª Guerra Mundial como resistência ao nazismo, o expressa bem: *“Jesus Cristo é Rei e Senhor, seu é o reino e o louvor. É Senhor potente, hoje e eternamente.”*

O “tremendum” pode se manifestar também pelo aspecto “enérgico”. Ou seja, desperta na pessoa uma energia incomum que pode expressar-se na “ira”, na paixão, na natureza emotiva, numa vontade superior, numa força diferenciada, na prática ascética, no empenho contra o mundo, entre outros. É a característica do numinoso que, quando experimentada, ativa a psique da pessoa, nela desperta o zelo e a toma por assombrosa tensão e dinamismo (p. 55).

Vários hinos acentuam esta característica. No hino 229.2 O. C. de Oliveira canta: *“Os que esperam no Senhor, suas forças hão de renovar. Sobem como águias para os montes, correm mesmo sem se fatigar, engajados pelo Evangelho, querem suas vidas ofertar. Os que esperam no Senhor, os que esperam no Senhor”* (Salmo 125). Características idênticas são encontradas também nos hinos 83.2,3 e 91.2,4.

O aspecto “mysterium” (o “totalmente outro”): a afirmação de Tersteegen nos ajuda na compreensão: “um deus compreendido não é Deus” (p. 56). Dizer o “não-compreendido” ou “o inexplicado” é somente analogia para definir o mistério religioso. Melhor é dizer “Totalmente Outro” e “mirum” autêntico para expressá-lo.¹⁹ E ainda:

O objeto realmente ‘misterioso’ é inapreensível não só porque minha apercepção do mesmo tem certas limitações incontornáveis, mas porque me deparo com algo ‘totalmente diferente’, cuja natureza e qualidade são incomensuráveis para a minha natureza, razão pela qual estaco diante dele com pasmo estarecido.²⁰

¹⁹ OTTO, 2007, p. 58, apud ____ Das Gefühl des Überweltlichen, p. 229ss.

²⁰ OTTO, 2007, p. 59.

Assim, o “totalmente Outro” se mostra na forma do espanto; da assombração; do sobrenatural; do supramundano; do nada; do vazio. É o incompreensível e inconcebível, o que foge ao entendimento e que transcende nossas categorias, podendo somente ser apontado por ideogramas (p. 60-63).

A hinologia, também por ideogramas, o expressa em vários hinos: J. Crüger e J. Heermann, no hino 48.7 cantam: *“Ó Rei supremo, Todo-Poderoso, como pagar o teu amor precioso? O teu amor pagar jamais podemos! Graças rendemos!”* É o contexto da troca jubilosa. Se já nos é impossível compreender a dimensão da troca jubilosa, quem dirá compensá-la? É algo que está absolutamente fora de nossa percepção e possibilidade. Assim também o hino 221.4: *“... Por me guiares, não preciso ver, nem mesmo sempre tudo entender!”* Ou seja: C. Porday e as diaconisas de Aidlingen expressam que nem mesmo a fé pode compreender o “Totalmente Outro”. A ela cabe expressar: aceita que Deus conduza os fatos de forma incondicional. Mas também G. Tersteegen no hino 124.1 declara: *“Deus está presente, todos o adoremos, com respeito nos prostremos! Deus está conosco, tudo em nós se cale, Deus a nossas almas fale! Quem ouvir ou sentir, baixe os olhos, crente! Vinde ao Pai clemente!”* O que podemos fazer diante do “Totalmente Outro”? Somente silenciar.

c) O aspecto fascinante do numinoso: se o “tremendum” do numinoso é o aspecto distanciador, o fascinante é o aspecto atraente e cativante do numinoso. Para descrevê-lo com conceitos racionais são empregadas palavras como amor, misericórdia, compaixão, caridade, entre outras, cientes de que não esgotam a expressão fascinante do numinoso, pois este aspecto tem sempre um “algo a mais” (p. 68-69).

Para Otto está aqui o princípio da religião: se o “mysterium” afasta, os elementos da religiosidade (música, liturgia, ritos, ...) são formas de reconciliar o ser humano com o numinoso fascinante e de nele permanecer, tornando possível experimentar a paz que excede o entendimento e que a língua somente consegue balbuciar (p. 70-71). Diante de tão magnífica experiência, o autor nos conduz pelo conceito de “fundo d’alma”. O *numen*

revela uma estranha e poderosa experiência de um bem que só a religião conhece e que é irracional por excelência; a psique, por intuição e diligência, sabe a seu respeito e o reconhece por trás de símbolos obscuros e insuficientes. Essa circunstância indica que acima e por trás da nossa natureza racional está oculto algo último e supremo na nossa natureza, que

não é satisfeito ao se suprirem e saciarem as necessidades das nossas pulsões e desejos físicos, psíquicos e intelectuais.²¹

Essas diferentes características são cantadas pelo povo de Deus que se sente atraído por Ele. F. Graf e L. Weingärtner, no hino 144.1 e 2 convidam a cantar: *“Na casa de Deus há paz, há festivas canções de louvor. Ó vem, sem olhar para trás, vem à mesa do Salvador”* e *“sentirás o poder dos céus a cingir-te com graça e vigor.”* O hino 232.1 (sem indicação de autor), entoa: *“Bondade e misericórdia certamente me seguirão. Todos os dias da minha vida”*; C. Lahusen e A. Poetzsch, no hino 227. 6 cantam: *“Se eu viver, comigo estás, se morrer, faleço em paz. Seja em vida ou morte, eu sei Pai, contigo habitarei.”* Aqui encontramos este “algo mais” que atrai, que excede a vida. É confiança e atração que supera a morte. Veja ainda hino 223.1,4 no mesmo sentido. Ou o hino 219.1 e 2, de C. Malan e F. Räder, que reconhece o numinoso na graça de Deus: *“Ó minh’alma espera em teu Senhor! Tudo lhe encomenda: é teu Salvador! Em noite atroz não te deixa a sós! Segue-lhe confiante, ouve a sua voz! Nas tempestades, na dor cruel, há de estar contigo o Deus fiel!”* e *“Ó minha alma, espera em teu Senhor! Tudo lhe encomenda: é teu Salvador! Se tudo ruir e ânsia te invadir: Nunca o Deus da graça deixará de agir! Ó Pai eterno, Deus redentor: Salva-nos, teus filhos, fiel Senhor!”* O autor expressa uma súplica que tem origem em circunstâncias que provocam uma experiência de dependência do numinoso: da alma que espera, da noite atroz, da tempestade, da dor cruel, do perceber a vida ruir e da ânsia que invade. A súplica clama pela graça de Deus e se expressa: *“salva-nos, teus filhos, fiel Senhor!”* É o clamor que excede o racional.

O numinoso também se expressa pelo aspecto assombroso (deinós), definido como algo inquietantemente misterioso. Um assombroso que não é explicado racionalmente e que ultrapassa nossa capacidade de imaginação. Nas palavras de Goethe:

Assim uma casa, uma cidade em que aconteceu algo *ungeheuer!* monstruoso fica terrível para todo aquele que nela entra. Ali a luz do dia não é tão radiosa, e as estrelas parecem perder seu brilho.²²

J. Klepper foi casado com uma judia e com ela teve uma filha. A família, às vésperas de ser presa e levada ao campo de concentração durante a segunda

²¹ OTTO, 2007, p. 75.

²² OTTO, 2007, p. 80, apud Goethe, *Wahlverwandschaften* 2,15.

guerra mundial, se suicidou. Antes, porém, compôs, em sua angústia e perguntas existenciais, o hino 3.1,4 (com J. Petzold): *“A noite está findando, fulgente o dia vem. Erguei a voz, louvando a estrela de Belém! No escuro, em agonia, quem teve de chorar, verá com alegria: a luz lhe há de brilhar!”* e *“Ainda há de tocar-vos da noite a escuridão. Mas tendes, a guiar-vos, a estrela do perdão. Por ela iluminados, as trevas enfrentais, seguindo, confiados, o brilho que avistais.”* Reconhecemos, novamente, que o aspecto assombroso no hino não decorre do numinoso, mas da situação histórica de guerra. A barbaridade histórica faz perceber Deus, nele confiar e a ele a vida entregar. Como explicar isto racionalmente? O numinoso está no que excede o racional. Angústia semelhante vivia P. Nicolai que acompanhava todo dia o funeral de várias pessoas vítimas da peste na Europa (veja hino 305).

O “Sanctum” como aspecto do numinoso: “santo” é expressão que se refere ao que é infinitamente superior ao sentimento da pessoa que é profano (Gn 18.27). Por atribuição de valor definimos o superior/sanctus e o inferior/profano. O sanctus é mais do que belo, perfeito, excelso (atributo moral): é expressão do seu valor numinoso, irracional. Trata-se do mais sagrado valor, digno de veneração (p. 90-93).

O hino 125.1, de J. B. Dickes e R. Heber, já citado, expressa bem esta condição de “santo”, na estrofe 1: *“Santo, santo, santo! Deus onipotente! Cantam de manhã nossas vozes com ardor. Santo, santo, santo! Bom e verdadeiro! És Deus triúno, excelso Criador!”* Nesta mesma perspectiva podem ser acolhidas as estrofes 2, 3 e 4 e o hino 78.1 e 2.

Considerações finais

a) concluímos que a música permite uma vivência e estimula o sentimento numinoso que existe *a priori* por se aliar e ultrapassar o racional. As formas musicais e as letras dos hinos do HPD1 expressam esse numinoso, embora, por vezes, não de forma tão precisa. A pergunta que fica é: os cantores e comunidades têm consciência de que cantam o sagrado?

b) A música impulsiona o sagrado e embala a vivência religiosa: o sagrado é estimulado pela música nos ritos religiosos de todas as culturas e povos. A vivência religiosa, todavia, não é feita somente pela música. Importa considerar que todas as formas litúrgicas (religiosas) contribuem no estimular o sagrado e a vivência religiosa.

c) importa também considerar que toda ação litúrgica (religiosa) gera uma ação encarnada.²³ Ela, além de despertar o numinoso, compromete ética e moralmente as pessoas com Deus. Despertar o sentimento numinoso mais profundo é dar voz também ao sentimento religioso beatífico que encontra expressão prática na ética e na moral.

d) Devemos cuidar também, como Martim Lutero acentuou acerca da missa, para não entoar, nesta busca pela vivência religiosa, palavras humanas em vez de palavras divinas. Pela música facilmente entoamos glórias humanas em meio às glórias dos anjos. O olhar para a hinologia, com o critério do sentimento numinoso, profundo, que ultrapassa o racional, contribuiu significativamente no discernimento qualificado que concede voz ao sentimento numinoso e ao verdadeiro louvor que confere uma identidade igualmente verdadeira ao seu povo.

Referências

1. BECKER, Alberto. Em tua paz abriga meu coração. In: TOILLIER, Osvino (org). **Um Olhar para o Vale**: 100 mensagens de fé, esperança e amor. Vol 2, 4ª ed, São Leopoldo : Sinodal, 2001, p. 57.
2. BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. Ed. rev. São Paulo : Sociedade Bíblica do Brasil. 1993
3. CONFISSÃO DE AUGSBURGO. In: **Livro de Concórdia**. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução: Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo : Sinodal, Porto Alegre : Concórdia, 1993, p. 23-93.
4. EVANGELISCHES GESANGBUCH. 18. Ed.. São Leopoldo : Sinodal/ Rotermund, Blumenau : Comunhão Martim Lutero, 1995.
5. FILORAMO, Giovanni e PRANDI, Carli. Tradução: José Maria de Almeida. São Paulo : Paulus, 1999. 297 p.
6. GEORG, Sissi. Liturgia Cristã: dádiva e compromisso. In: EWALD, Werner (org). **Música e Igreja**: Reflexões Contemporâneas para uma Prática Milenar. São Leopoldo : Sinodal/Conselho Nacional de Música da IECLB ; Porto Alegre : Coordenadoria de Música da IECLB, 2010 p. 17-38.
7. **HINOS DO POVO DE DEUS**. Hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 8. ed. São Leopoldo : Rotermund/Sinodal, 1989, 396 p. 306 hinos.

²³ GEORG, Sissi. Liturgia Cristã: dádiva e compromisso. In: EWALD, Werner (org). *Música e Igreja: Reflexões Contemporâneas para uma Prática Milenar*. São Leopoldo : Sinodal/Conselho Nacional de Música da IECLB ; Porto Alegre : Coordenadoria de Música da IECLB, 2010, p. 34-35.

8. JUNGHAUS, Helmar. **Temas da Teologia de Lutero**. 2. Ed. São Leopoldo : Sinodal /EST, 2007, 188 p.
9. LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. In: **Livro de Concórdia**. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução: Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo : Sinodal, Porto Alegre : Concórdia, 1993, p. 385-496.
10. LUTERO, Martinho. Um sermão a respeito do Novo Testamento, Isto É, a respeito da Santa Missa. In: **Obras Selecionadas**. Vol 2, o programa da reforma: escritos de 1520. São Leopoldo : Sinodal, Porto Alegre : Concórdia, 1989, p. 253 – 276.
11. OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo : Sinodal/EST; Petrópolis : Vozes, 2007. 224 p.
12. SOUZA, Mauro Batista de. Prédica e Música. In: EWALD, Werner (org). **Música e Igreja**: Reflexões Contemporâneas para uma Prática Milenar. São Leopoldo : Sinodal/Conselho Nacional de Música da IECLB ; Porto Alegre : Coordenadoria de Música da IECLB, 2010, p. 39-57.
13. TESCHE, Silvio. Postfácio. In: CONSELHO DE LITURGIA da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Celebrações do Povo de Deus**. Prontuário Litúrgico da IECLB. Ed. Provisória, São Leopoldo : Sinodal, 1991. p. 147-148.